

JMB quebra e é socorrido pelo Banco da Inglaterra

Ontem à tarde, na City de Londres, os cavalheiros que ainda usam chapéu coco e bengala e vestem sóbrios ternos escuros provavelmente abandonaram a famosa fleuma britânica ao se encontrarem nas ruas. Ao invés de ficarem impassíveis, devem ter conversado animada e nervosamente. Tinham um bom motivo para romper com a tradição: o Johnson Matthey Bankers (JMB), um dos mais tradicionais bancos ingleses que operam no mercado de ouro, havia quebrado.

Para surpresa de corretores e financistas, pela manhã correu no centro financeiro inglês a notícia de que, numa espécie de "operação de salvamento" — que já esteve muito em moda no Brasil — o Banco da Inglaterra havia comprado a instituição financeira, porque essa vinha enfrentando sérias dificuldades desde o final da semana passada. Fontes da City calculam que as perdas do banco com créditos que não foram pagos chegam a 185 milhões de dólares ou 150 milhões de libras esterlinas ou Cr\$ 430 bilhões 865 milhões.

Quanto à injeção de recursos feita pelo banco central inglês — que não intervinha diretamente no sistema financeiro do país desde 1973, quando um pequeno banco comercial falou, ou seja, há mais de dez anos — foi estimada em 125 milhões de dólares. Na realidade, tratou-se de um "pacote" de capital do qual participaram outros bancos e a empresa matriz do JMB.

Mercado quase estável

Ao lado de mais quatro bancos, também tradicionais, o Johnson Matthey Bankers é responsável pela fixação das cotações do ouro nas Bolsas de Londres, diariamente. Mas ontem saiu do mercado, não tendo operado.

Antes de que o impacto desse acontecimento tivesse efeitos negativos sobre o preço do metal na principal praça negociadora de ouro do mundo, o Banco da Inglaterra não só anunciou a

aquisição — da qual também participou a empresa Anglo-Americana, dona da jazida de Morro Velho, em Minas Gerais/Brasil — como também informou que a partir de hoje a empresa estará atuando normalmente no mercado, mesmo tendo novos proprietários.

Em consequência, em Londres as cotações se mantiveram estáveis. O mesmo não ocorreu, porém, em Hong-Kong, onde a retirada da bolsa de ouro de uma subsidiária do JMB elevou a cotação da onça a 345 dólares, nível ligeiramente superior ao do fechamento na sexta-feira.

Em nota oficial, o banco central inglês fez questão ainda de esclarecer que os problemas enfrentados pela instituição financeira não tiveram origem nas transações com ouro. Os prejuízos foram causados por empréstimos comerciais a empresários e pessoas físicas, "maus pagadores". Ao realizar o balanço, na semana passada, a direção do Johnson Matthey se viu obrigada a declarar os créditos em liquidação como créditos não pagos.

"Duro" com o Brasil

As autoridades brasileiras que operam com ouro no mercado financeiro internacional estavam preocupadas ontem com as repercussões da falência do banco inglês sobre as bolsas do metal. O Brasil, ao melhorar recentemente seu nível de reservas, passou a acumular ouro e está interessado, portanto, em que as cotações se mantenham elevadas.

Foi em fins de junho que o Brasil conseguiu registrar seu ouro na Inglaterra, ganhando a marca de *good delivery* (bom para entrega). Esse registro, na ocasião, foi concedido exatamente pelos cinco bancos de investimentos, entre os quais se encontra o JMB. Sendo subsidiária de uma empresa fundidora de ouro, fundada em 1817, o Johnson Matthey foi a instituição que se mostrou mais resistente à concessão do registro às barras de ouro brasileiras.